

Monitoramento e Manejo de Fauna no Aeroporto Santos Dumont (SBRJ)

Rodrigo Souza Torres; Jean da Silva Antônio; Juliano de Souza Moreira; Gustavo Duval Leite; Ronaldo Godolphim Pla; Leila Ramos Neves; Leonardo Martha de Souza Lima.

Em 2024, o Aeroporto Santos Dumont (SBRJ), localizado na Baía de Guanabara, Rio de Janeiro, intensificou suas ações de monitoramento e manejo de fauna visando a mitigação de riscos à segurança operacional. A complexidade do ambiente urbano-costeiro, marcada pela proximidade de ilhas, áreas naturais e focos atrativos de fauna, reforça a importância do Programa de Gerenciamento do Risco da Fauna (PGRF) e à Identificação do Perigo de Fauna (IPF).

O objetivo geral deste estudo é de apresentar o que vem sendo desenvolvido no aeroporto para o gerenciamento do risco de fauna, ou seja, o monitoramento e manejo de fauna e de focos atrativos aliado a aplicação de análises estatísticas, uso de mapa de grade e de Indicadores de Segurança Operacional (BAIST, 2019).

A metodologia consiste em monitoramentos diários na Área Operacional (AO), Restante do Sítio Aeroportuário (RSA) e semanais na Área de Segurança Aeroportuária (ASA), utilizando formulários digitais para obtenção de dados. O censo de aves é realizado a partir de pontos fixos e transectos veiculares. A equipe utiliza mapas de grade para espacializar a presença de fauna, assim como de armadilhas fotográficas para monitorar a presença de mamíferos terrestres e vistorias em focos atrativos como píeres, edificações e áreas vegetadas.

Durante o monitoramento da AO-RSA no ano de 2024, foram contabilizados 87.357 indivíduos de 59 espécies identificadas, sendo 57 espécies de aves e duas de mamíferos. Já na ASA foram registrados 50.771 indivíduos de 90 espécies. Cinco espécies representaram mais de 90% dos registros obtido na AO: atobá-marrom (*Sula leucogaster*), fragata (*Fregata magnificens*), urubu-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*), quero-quero (*Vanellus chilensis*) e biguá (*Nannopterum brasilianus*). Entre os indicadores de risco, o ReAvi (colisões aviárias) manteve-se abaixo da meta, com 28 colisões registradas, sem ocorrência de danos às aeronaves. O ReFau (fauna não aviária) não apresentou registros, enquanto o PeFau (precursor de fauna não aviária) superou os limites em sete meses, refletindo a recorrência de cães domésticos e capivaras no sítio aeroportuário. A sazonalidade foi marcante: atobás concentraram-se no início da manhã e ao entardecer, fragatas tiveram picos vespertinos e quero-queros demonstraram atividade constante, incluindo reprodução na AO.

As ações de manejo foram decisivas para a mitigação de riscos, como instalação de telas antiempoleiramento em píeres, podas e controle de árvores frutíferas, recolhimento de carcaças, conscientização da comunidade pesqueira, monitoramento colaborativo com a Prefeitura do Rio para cães e atividades de educação ambiental com a comunidade aeroportuária. Tais medidas resultaram na redução da frequência de biguás após instalação de barreiras físicas e na diminuição do percentual de colisões sem identificação de espécie, favorecida pelo uso de análises de DNA.

Conclui-se que o manejo de fauna no SBRJ em 2024 atingiu resultados expressivos, demonstrando maturidade e eficácia do programa. A redução de colisões, a estabilidade

dos indicadores de risco e a efetividade das medidas mitigadoras reforçam o alinhamento às melhores práticas de segurança operacional. A integração entre monitoramento técnico, inovação metodológica e engajamento comunitário consolida o SBRJ como referência na gestão de risco de fauna em ambientes urbanos costeiros complexos.

Palavras-chave: Gestão de risco aviário, manejo de fauna, indicadores de segurança operacional.